

Nasceste em Tenerife em águas solitárias onde os raios do sol dispersos em rendilhas, desenham pelo chão das praias destas ilhas um mosaico de luz envolvendo as Canárias.

Desde muito pequeno ouvindo as tonalidades das ondas se agitando em vozes lapidárias, senti o sussurrar dum musical de várias harmonias e sons das lentas seguidilhas.

E uma transformação se opera em Anchieta do seu interior um jovem anacoreta desperta para a Fé, da eterna santidade.

Levando em suas mãos a Bíblia que redime um grande sonhador cuja missão sublime alteia-se feliz na solidariedade.

Murilo Cardoso Fontes, Padre José de Anchieta, em O Bem-Aventurado José de Anchieta, S.J. – Vida e Obra; Dados Anchiéticos – de Dagmar A. Chaves, 2ª Ed., 1996

Buscar a luz, levar a claridade aos que ainda estão cativos do escuro, na ignorância, sem rumo seguro, e se chafurdam na iniquidade.

Um dia novo, para a humanidade, capaz de apressar-lhe o melhor futuro, aquele cinzelado em mais apuro, máxima evolução da qualidade.

Se impossível, faça o que puder, sem se empanar numa omissão sequer, porque é incrível o que a união produz.

Não sendo estrela, seja um vaga-lume, porque só se vencerá o negrume, quando todos conquistarem a luz!

Fernando Vasconcelos, Buscar a Luz

Padre Anchieta chegou. Vai ficar. É preciso dar o amparo de Deus ao gentio assustado. Aves pousam-lhe no ombro. E cascateando o guiso, uma cascavel lhe beija os pés... Mistificado.

Padre Anchieta sorri com alma. O seu sorriso é um milagre que cai, ao chão maravilhado, e onde ele bate surge, aos poucos de improvviso, um cruzeiro, uma igreja, um casebre... um povoado.

Mais tarde ele chorou: nasceu disso a garoa! porque a lágrima, em vez de vir à terra boa, fez-se névoa no céu e teve o céu por lar...

Desde então, ela cobre o azul de quando em quando: são os olhos de Anchieta humilde, visitando a cidade que um seu sorriso fez brotar...

Orpheu D'Eurídice, Um sorriso e uma lágrima de Anchieta, em O Bem-Aventurado José de Anchieta, S.J. – Vida e Obra; Dados Anchiéticos – de Dagmar Aderaldo Chaves, 2ª Ed., 1996

“Qualquer um faz uma trova...” falaram-me com desdém... fazer... fazer... todos fazem... a questão é fazer bem!... Luiz Otávio, em Milênio 0012

Segue o ideal que te aquece serve ao bem, seja onde for, trabalho que permaneça é o que se faz por amor. Auta de Souza, em BI UBT Magé 0010

Venha o terceiro milênio sem câncer, drogas, egoísmo. E Deus nos envie o gênio que afaste a Terra do abismo. Aparecida Mariano de Barros, em Fanal 0012

Quem ama para dar provas, deve três coisas cumprir: tocar violão, fazer trovas e havendo luar, não dormir. Silveira Carvalho, em Trovaregre 0012

Bobo! – ela diz, quando eu falo alguma tolice a esmo. E tem um jeito, ao falá-lo que até fico bobo mesmo! Eno Theodoro Wanke, em Milênio, 0009

Vão-se os dias... os milênios... e, no anseio do saber, cresce o delírio dos gênios, fazendo o mundo crescer! Carolina Ramos, em XXX Jogos Florais de Niterói – 2000

TEMAS DA SAZÃO		(QUIDAI)S VERÃO	
Tem as flores rubras esse meu flamboiã. Ele é tropical. Agostinho José de Souza	Mariposa tanta, minúscula, no crepúsculo, tal qual negra manta!... Fernando L. A. Soares	A favela, em unissono com a alegria da cidade. Festas de Ano Novo. José N. Reis	
Ano novo, réveillon, noite de alegria, festa de louvor... Ailson Cardoso de Oliveira	enfeitam com vivas luzes concerto no brejo. Fernando Ribeiro da Cruz	livre. Furo em labirinto, a traça travessa! José Walter da Fonseca	
Cartas! Alegrias! Hoje não devo esperá-las. Dia do Carteiro. Albertina C. G. dos Santos	Em seis de janeiro, há um místico alarido. Reaisado na rua. Fernando Vasconcelos	Sob o sol e cego, numa folha iluminada, caracol dormindo. Larissa Lacerda Menendez	
Na terra tão seca o toró chegou bem rápido. Crianças festejam. Alda Corrêa M. Moreira	Ribombam trovões pelas encostas das nuvens... Pipoca o granzão! Guium Ga	O luar convidava... Ah! Flor do mandacaru! Paisagem com vida!... Luís Koshitiro Tokutake	
menino jogando bola chuva de verão. Carlos Roque B. de Jesus	bem sonolento, arrogante. Perigo iminente. Haroldo R. Castro	as cigarras em orquestra, no ramo lílias. Maria da Costa Lage	
Erguidas as taças meia-noite e o réveillon feliz ano novo. Dercy de Freitas =	Helvécio Durso	Mais um réveillon. Mudanças e mudanças sem nada mudar. Nadyr Leme Ganzert	
Sentada na praia, a "loura" ficou morena: bastou o mormaço. Djalda Winter Santos	Lá vem o Reisado, com alegre animação. É Dia de Reis!... Hermoelvedes S. Franco	Cessa a tempestade. Inundação, desespero. No azul, arco-íris. Olga Amorim	
Espero receber cartas de alguém neste dia... Edel Costa	há três meses que não chove... Cigarra cantando! Humberto Del Maestro	Pleno réveillon. No céu chuva de ouro e prata. Chegou Ano Novo! Olga dos Santos Bussade	
O mar melancólico ao sopro de um vento tímido: banzeiro nas águas. Eduardo Toledo	Girassol perdido durante o dia de chuva, ficou com saudades... João Batista Serra	Luz, na luz... Cego, o menino pisa na pobre cigarras. Olíria Alvarenga	
Mais um réveillon! Alegria a vida da gente. Dá nova esperança. Elen de Novais Felix	Após a canícula mormaço solta no asfalto bagas de suor. João Elias dos Santos	No vaso de antúrio beleza, delicadeza... Quiçá bom augúrio. Sérgio Serra	

SELEÇÕES MENSAIS  
FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS  
Remeter até 30.01.01, quigos à escolha:  
Dia do Jornaleiro, Magnólia, Névoa.  
Remeter até 28.02.01, quigos à escolha:  
Granzio, Hortênsia, Lagartixa.

Fazer um haicu é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o quigo – palavra da sação – (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haicu por conter o quidai, ou seja, um tema da estação, por ser seu assunto principal o quigo. O haicu deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do quigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicu conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

- Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos corretos dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
- Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
- Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicus de própria lavra, pois tais votos serão anulados bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
- O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES  
Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔  
O trevo guilhermiano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo senriu à ocidental é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

Os trevos *senriu*, *haicu de sação vaga* e, simplesmente, *haicu* (único a conter quigo), são sempre “**aqui e agora**” – **não conceituais, sendo**:

trevo senriu ou personagem (*não filosófico*),  
trevo haicu de sação indeterminada (*aborda a natureza sem situar a estação*);  
trevo haicu, poesia pura – (*o quigo, situa a estação em que o poeta está*).

O trevo haicu é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo e o simbolizamos pelo ipê.

REGRAS QUE VALEM SEMPRE

- Não fuja muito da métrica 5-7-5;
- Seja comedido: use apenas um quigo por haicu. E use sempre as expressões-tema, sem modificá-las;
- Escreva com conhecimento de causa: saia à rua ou ao campo para travar conhecimento ao vivo com os quigos. Não invente.
- Procure originar cada haicu em duas orações ou frases. Evite os “haiciz-prateleira” (três orações ou frases sobrepostas);
- Estude gramática e poesia.
- Não exagere na pontuação;
- Não tente passar lições de moral;
- Não estrague o haicu com explicações excessivas, com medo de parecer simplório: apenas descreva o que viu;
- Não tente descrever uma cena muito complicada ou com vários lances, usando linguagem telegráfica. Isso é má poesia, não haicu;
- Escreva todos os dias.

Edson Kenji Iura, em Jornal Nipo-Brasil 001129

Trevo senriu à ocidental ou trevo ocidental:

Sensata e prudente, a natureza esconde água lá dentro do coco.

Santos Teodósio

Sinto a alma da flor no esplendor das alvoradas! vendo um flamboiã.

Elen de Novais Felix

Trevo senriu ou trevo personagem:

Guri saudável sempre com a melhor bebida. Água de coco.

Nadyr Leme Ganzert

A moça copia o viço do flamboiã nas maçãs do rosto...

Diveney Boseli

Trevo haicu de sação vaga ou trevo haicu subentendido:

Já quase vencido, em ofertas da semana, o coco em garrafas.

Manoel F. Menendez

À sombra da árvore repousando o ancão. Longa caminhada.

Manoel F. Menendez

Trevo haicu:

Quigos – *assunto flora da estação verão*:  
Finda a pescaria, uma água de coco verde... – Oásis na praia!  
Humberto Del Maestro

O telhado em chamas no aceno às férias no sítio. Flamboiã florido.

Darly O. Barros

O QUE O POETA FALA

Constantemente retomamos, principalmente, os haicais clássicos para uma nova leitura. Aprender a ler haicai é o primeiro passo para poder compor haicais. A cada leitura, daquele velho haicai, seja de Bashô, Issa, Shiki ou Buson, despertamos a sensibilidade. Nem sempre é na primeira leitura que conseguimos perceber a beleza do poema. E, uma vez descoberta a beleza, outras leituras são sempre animadoras. A beleza descoberta não se restringe ao que o autor quis transmitir, em seu mundo particular, mas ao que a linguagem criadora nos remete. Se o haicai ficar preso apenas ao conteúdo do autor, nada de novo acrescentaria. Não pensemos desta forma. Lemos os clássicos porque eles são atemporais e, constantemente, recriados por nossa capacidade de promover sempre novas leituras.

Francisco Handa, em Jornal Nipo-Brasil 001206

Se esta rua fosse minha eu mandava ladrilhar não para automóvel matar gente mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha eu não deixava derrubar se cortarem todas as árvores onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu eu não deixava poluir jogava esgotos noutra parte que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu eu fazia tantas mudanças que ele seria um paraíso de bichos, plantas e crianças.

José Paulo Paes, Paraiso

Param os cardumes na parede da barragem triste piracema.

Mário Iso Otsuka, em Jornal Nippo-Brasil 001206

Anhangabá – só o vento nas palmeiras não passa com pressa.

Marcelino Jesus de Lima, em Jornal Nippo-Brasil 001206

Vida nova, ano novo! Que aconteça nesse dia e também no ano todo, muita paz e alegria.

Cecy Tupinambá Ulhôa

Algumas pessoas morreram

num dia rude de dezembro depois das chuvas

pela televisão as imagens da cidade afogada

algumas pessoas morreram fazendo os gestos estranhos dos que pedem socorro.

Eunice Arruda, Chuvas; de Â Beira, 1999

Helicópteros sobrevoam os assassinos do dia pombas pesadas de símbolo tentam voar.

Eunice Arruda, Paisagem; de Risco, 1998

Subindo a serra, lá vem Anchieta, moço na idade, picada a picada além, vem fundar minha cidade! Manoel Fernandes Menendez

Ser tão só nas ruas sertão só nas ruas. as pessoas passam algumas olham.

Eunice Arruda, Paisagem; de Â Beira, 1999

Veio das Ilhas Canárias qual luminoso cometa poeta de línguas várias Padre José Anchieta.

Elias de Lima

Em sua vida tão bela, Anchieta, missionário, fez da mata uma capela e o Brasil foi seu sacrário!

Carolina Ramos

Com amor, guiando o nativo ao calor do seu redil, Anchieta é exemplo vivo de Apóstolo do Brasil!

J. Stavola Porto

Padre Anchieta mostrava ao entregar-se refém, que somente não amava tinha coragem, também.

Alóysio Alfredo Silva

De Anchieta esta lição ficou em nossa memória: com firmeza e mansidão se alcança muita vitória.

Auroлина Aratijo de Castro

Na luta pelas vitórias só sente satisfação quem não usa a luz das glórias para humilhar um irmão!

Amália Max, XVII Jogos Florais de Bandeirantes, 2000

## O L U T A D O R F I L I P I N O

— Creio que você nunca viu um filipino que pese cento e vinte e cinco quilos. Comumente não são desse tamanho, mas quando o são, cuidado com eles! São piores do que um terremoto ou um furacão. Creio que fui o melhor amigo que Ramon Internacional teve no mundo; mas, pensam que era capaz de imaginar o que esse gigante louco seria capaz de fazer em um assalto de luta?... Jamais! Costumava sentar-me no pequeno escritório em *Columbus Avenue* e preocupar-me o tempo todo por ele. Não podia escusé-lo. Era o maior, o mais forte e o mais selvagem dos gorilas que a selva produzira. A única diferença entre estes e Ramon era que ele podia falar. E como falava! Em um inglês perfeito. — O senhor não saber nada? — dizia sempre — o senhor não saber nada.

— Ramon Internacional? — interrompi. — Nunca ouvi falar nele.

— Como diz? Que nunca ouviu falar nele? E de Jimmy London? E de Strangler Lewis? E de Jack Dempsey?... Bem, esse menino inocente era todos esses tipos a um só tempo. E não falemos de Firpo. Mas, onde estava você metido há dois anos? —

— Aqui mesmo, em São Francisco.

— Internacional também. E em que lugar estava você? Escondido? Não lia jornais? Não se lembra de haver visto o seu retrato na primeira página de todos os jornais, no dia seguinte ao que brigou com seis policiais, árbitro, dois jurados, três jornalistas e eu?

— Não, não me lembro. E quem ganhou?

— Quem ganhou? Quem havia de ser? Internacional, naturalmente. As ligaduras da minha perna quando duraram três semanas depois do encontro. Ramon sentiu muito. Sustentou que não me havia visto. Pensou que se tratasse de algum inimigo do seu povo. Imaginava que todo o mundo em São Francisco odiasse o seu povo.

— “Por que te meteste, Tom?” — disse-me. — Quem mandou te meteres em uma complicação quando eu estava furioso?”

Respondi-lhe que fui obrigado a fazê-lo para evitar que o prendessem.

— Que o prendessem? — tornei a interromper.

— É que eu era seu empresário, sabe? Não podia permitir que ele partisse em pedaços todos esses cidadãos, sem tentar acalmá-lo. Os espectadores afirmam que foi o melhor ataque de vale-tudo que há na história dos esportes. Isso foi a única coisa que consegui livrá-lo de ser preso. Os espectadores morriam de riso porque ele tirava todo o mundo do ringue e negava-se a sair dali. Estava em pé no centro do ringue e negava-se terminantemente a abandoná-lo. A multidão tinha verdadeiros acessos de riso. Era como o espetáculo de um gigante louco que desafiasse a todo o mundo; e isso sempre impressiona às pessoas que vão assistir uma luta.

— E qual foi a causa do distúrbio? — perguntei.

— Qual? Não é assim que deve perguntar. Eu lhe direi *quem* foi. Ali não havia ninguém senão o Internacional. Estava combinado que ele perderia uma luta contra Vassili Ivanovich, o destripador russo. Este tinha o aspecto de um lutador terrível, mas Internacional podia pô-lo de costas em três minutos, todos os dias da semana. Combinei com o empresário de Vassili para que Internacional perdesse propositadamente a luta, mas nesse tempo eu ainda não o conhecia bem. Não lhe agradou nada a idéia de perder para Vassili. Não lhe agradava a idéia de perder para ninguém. Não podia compreender semelhante coisa. Eu lhe havia arranjado cinco lutas e ele ganhara todas, sem a menor dificuldade. Essa com Vassili era a grande luta e já estava tudo combinado. Quatro dias antes da luta, o filipino entrou em meu escritório com uma tromba...

— Tom — disse-me —, não quero brigar com esse russo se é para perder. Posso liquidá-lo em três minutos.

Eu sabia disso e não tinha necessidade de que ele me dissesse. Mas o esporte tem as suas regras e se você não quiser morrer de fome terá que se adaptar a elas. Internacional podia derrubar qualquer homem em três minutos, mas isso não era negócio. Era preciso que acontecesse alguma coisa grande, inesperada. A multidão prefere que os gigantes sejam derrotados. Discuti quatro dias com Internacional e não consegui ficar certo do que ia fazer. Creio que nem ele mesmo sabia. Pareceu-me que queria encontrar-se no ringue com o destripador russo para resolver. Estava convencionado que ele permitiria que Vassili lhe desse volta onze minutos da primeira vez, e em sete da segunda. Bem... permitiui que Vassili o colocasse de costas em cinquenta e sete segundos do primeiro assalto. Quase matou o pobre russo nesses cinquenta e sete segundos. Depois deixou-se cair de costas no meio do ringue, enquanto Vassili tratava de dar voltas ao seu redor e de mostrar-se inteiramente. Esse era o primeiro tombo. A luta era em três assaltos e duas reviravoltas.

Quando começaram a segunda volta, Vassili descuidou-se um pouco mais pensando que podia ganhar de qualquer maneira. Isto irritou Internacional que derrubou o russo em sete minutos. A história começou a preocupar-me e convenci-me de que tudo fracassaria, quando fui visitar Internacional no camarim.

Estava fumando um cigarro.

— Tom — disse-me —, tu não saber nada, tu não saber nada.

— Que aconteceu?

— Esse russo pensa que é forte. E pensa que vai divertir-se à minha custa.

— Não Ramon, estás enganado, ele sabe que podes derrubá-lo em três minutos.

— Tu não saber nada — disse-me —, tu não saber o que se passou comigo no ringue. Não é a mesma coisa que aqui, conversando. O russo pensa que é melhor do que eu e tenho que lhe provar que está enganado. Ganharei.

— Não faças isso, Internacional... Perde essa luta. Assim poderemos conseguir mais dinheiro com uma luta de revanche.

— Não preciso de mais dinheiro.

— Ouve, Internacional... Quem te tirou dos campos de salinas e trouxe-te para São Francisco? Quem fez de ti o grande lutador que és? Bem... Precisas fazer-me este pequeno favor. Tens que perder esta luta com Vassili Ivanovich porque, se o ganhares, tu e eu teremos que abandonar a profissão. Nenhum empresário do país nos dará outro contrato.

— Por quê? — perguntou-me. — Posso dar volta em qualquer um dos seus lutadores. Por que terei de entregar-me a eles?

— Porque o esporte é assim. Precisamos sujeitar-nos às suas regras.

\* \* \*
Chegou a hora de voltar ao ringue. A multidão pedia mais, especialmente os pequenos filipinos; não os de cem quilos de peso, mas aqueles vestidos de púrpura, vermelho e verde, todos fumando um charuto de folha. Devia haver ali um milhar deles, mas parecia um milhão. Tinham apostado dinheiro em Internacional; e eu e o empresário de Vassili, um par de guardas e os três jornalistas, apostáramos que ele perderia.

Em primeiro lugar, Internacional atirou Vassili fora do ringue; e Vassili levantou-se limpando os joelhos e olhando ao redor para adivinhar por que as coisas iam mal. Internacional atirou-o três vezes do ringue e, então, Diamond Gates, o árbitro, achou que devia parar a briga. Vassili pulara sobre Internacional, que estava de costas, e, quando este lhe segurava, com uma das mãos, o nariz, os olhos, o cabelo e os ouvidos e, com a outra, os pés para jogá-lo novamente fora do ringue, Diamond Gates deu uma palmadinha em seu ombro, proclamando o vencedor. Era isso a única coisa que se podia fazer; mas foi um grande erro. Internacional jogou Vassili fora do ringue e, logo a seguir, Diamond Gates. E, quando os três jornalistas, que estavam um pouco bêbedos, subiram ao quadrado, Internacional jogou-os também; logo a seguir subiram os agentes e Internacional deixou nocaute ao que não conseguiu jogar fora. Depois subi eu. Menos de dez minutos depois, vi-me sentado no colo de Harry White, além da décima fila. Internacional estava só, de pé no centro do ringue, desafiando todo o mundo. A multidão morria de riso. Você não leu isso nos jornais?

— Não — respondi. Mas o que aconteceu? Como acabou?

— Bem... Internacional fazia sinais a Vassili para que voltasse ao ringue e terminasse a luta como homem; mas Vassili nem pensava nisso. Então o filipino pediu aos agentes que voltassem, e aos jurados, e aos jornalistas, mas como ninguém se movesse, fez um discurso. Meu velho!... Foi o discurso mais formidável que ouvi na minha vida! Todo o mundo gritava, ria e assobiava no estádio, mas todo o mundo ouviu o que ele disse no seu pequeno discurso. Havia duas mulheres na assistência. Internacional disse:

— “Senhoras e senhores. Os senhores não saber nada. Os senhores não saber nada. O árbitro diz que sou perdedor nessa luta. Mas os senhores não saber nada. Eu ser o ganhador. Desafio Vassili Ivanovich, o destripador russo, para que volte ao ringue, e desafio a qualquer pessoa da assistência a que entre neste ringue. Não sairei daqui enquanto o árbitro não declarar que sou o ganhador.”

— A multidão gritou com mais força ainda, porque Internacional “era o vencedor.”

De longe, Diamond Gates, o árbitro, gritou:

— O vencedor desta luta é Vassili Ivanovich. O espetáculo está terminado. Todo o mundo pode ir para casa.

Ninguém, nem uma alma solitária, levantou-se para abandonar o edifício. Então alguém ordenou que apagassem as luzes. Foi um gravíssimo erro. Os pequenos filipinos pensaram que se tratava de um complô e começaram a bater com garrafas de cerveja na cabeça dos espectadores, aproveitando a escuridão. Quando as luzes se acenderam novamente, cada um deles sustinha outro nos braços, inclusive as duas mulheres. E Internacional continuava no meio do ringue.

Não se queria mover. Chegaram uns duzentos agentes de polícia armados até os dentes e com bombas de gás lacrimogêneo e cavalos. Os que estavam montados entraram no estádio a galope porque tinham medo de desmontar. Ordenaram a todos que abandonassem o edifício e, ao cabo de meia hora, não havia ali ninguém, além dos duzentos policiais, cinquenta dos quais a cavalo, os três jornalistas, Diamond Gates, Vassili Ivanovich, seu empresário, os dois jurados e eu. Os agentes ameaçaram Internacional com seus revólveres e lhe ordenaram que descesse do ringue se não queria que atirassem. Assustei-me. Sabia que eles não atirariam, mas tive medo de que algum ficasse nervoso, perdesse a paciência e o matasse. Não queria que ninguém fizesse mal a Ramon Internacional porque sabia que ele tinha razão. Então corri ao ringue e pedi-lhe que descesse.

Respondeu-me que não sairia dali enquanto não o declarassem vencedor; ou, pelo menos, enquanto Vassili não voltasse para continuar a luta. O russo saiu do camarim vestido com roupa de passeio, fumando um cigarro.

Nunca me vi metido em um negócio pior. Pouco a pouco os pequenos filipinos foram voltando para ver o final da luta; eram perseguidos pelos agentes a cavalo, mas voltavam dentro de cinco minutos ansiosos para conhecer o resultado final da luta. Seu compatriota Ramon Internacional continuava vivo no meio do ringue e eles queriam saber em que iam parar as modas. Cerca de cinquenta subiram às galerias, inacessíveis aos cavalos e fecharam as portas para que os outros agentes não o pudessem alcançar. Foi a maior loucura que vi, amigo...

Os filipinos começaram a atiarçar Internacional. Os agentes ameaçaram matá-los; mas aqueles cinquenta filipinos eram tão teimosos quanto o seu herói. Então alguém atirou para o ar e um dos filipinos desmaiou. Isto irritou os outros que começaram a atirar garrafas nas cabeças dos agentes. Machucaram um par de cavalos que caiu gemendo. E Internacional continuava imperturbável.

Quase chorando, pedi-lhe que abandonasse o ringue.

— “Tu não saber nada — gritava. — Tu não saber nada.”

\* \* \*

Fora o povo de São Francisco chegava ao estádio em automóveis, em ônibus, a pé; e, embora não o soubéssemos, havia uma multidão de mais de três mil pessoas na rua, que aumentava de momento a momento.

O povo gosta de ver um homem, principalmente se é negro, desafiar o mundo; e de cada dez pessoas, nove estão ao seu lado. Essa multidão estava, naturalmente, ao lado de Internacional. A maioria não tinha visto a luta, mas todos tinham certeza de que ele era o vencedor. O povo começou a pensar quanto tempo ele conseguiria reter a polícia e como faria ela para tirá-lo dali. Achavam que o lutador morreria de preferência a sair, a não ser que lhe dessem a vitória. E Internacional era admirado até pelas pessoas que nunca tinham ouvido falar nele!... Bastava-lhes saber que ele estava lá, no meio do ringue, preferindo morrer; pois era isso exatamente o que elas fariam em condições semelhantes, se fossem tão grandes e tão loucas como ele!

Tiveram de procurar o chefe de polícia, à meia-noite, para que ele resolvesse o que devia ser feito. Esse finalmente chegou num automóvel vermelho escoltado por doze motocicletas. Lembro-me da cara de assombro que tinha o chefe quando entrou no estádio e viu todos os cavalarianos de um lado para outro como tontos, e Internacional no centro do ringue, e os cinquenta filipinos nas galerias, jogando garrafas. Umastas caiu no chão, junto do chefe. Este ficou terrivelmente assustado.

— Que estão fazendo esses filipinos bem vestidos ali em cima? — perguntou.

— Ah! — respondeu-lhe o repórter do *News* — encerraram-se, e atiram garrafas. Trate de tirá-los dali. Vamos: o senhor é o chefe de polícia. Tire-os. E tire o Internacional do ringue, também. O senhor é valente. Vá e tire-o.

O chefe estudou Internacional durante um momento e resolveu tratar o assunto com bons modos. Disse-lhe que não o levariam preso se descesse calmamente do ringue e fosse para casa; mas que, do contrário, o atacariam com gases e seria encarcerado por dez anos

— “O senhor não saber nada” — respondeu Internacional.

E um dos filipinos das galerias atirou outra garrafa, que alcançou outro cavalo, e este saltou para o ringue desde a sexta fila. O guarda saiu voando e aterrissou na quarta fila, porque Internacional aproximava-se. O cavalo, entretanto, era mais lento em seus movimentos, de modo que Internacional montou-o. Foi a cousa mais notável na história do vale-tudo. Tive medo de que tivesse a idéia de jogar o cavalo também pelos ares, mas Internacional tinha muito bom coração para fazer isso. Amava os animais.

De vez em quando podíamos ouvir o ruído que a multidão fazia lá fora; nós sabíamos a razão, mas o chefe a ignorava.

— Contra quem gritam? — perguntou.

Nenhum guarda atreveu-se a responder-lhe, mas o repórter do *News* encarregou-se de fazê-lo:

— Gritam contra o senhor e seus agentes. Homens, mulheres e crianças fazem causa comum com Internacional.

O chefe acerçou-se de mim então, muito desgostoso:

— O senhor é o empresário, não? Faça-o sair.

Comecei a suplicar a Internacional que saísse do ringue. Esta vez fui ridicularizado pelo cavalo. Quase desmaiei. Creio que o cavalo também não queria descer. Internacional repetiu o eterno estribilho:

— “Tu não saber nada...”

— Já sei, já sei... não precisa repetir... eu não sei nada. Mas, pelo amor de Mike, Ramon, desce daí.

Não se moveu. Então, o chefe, Vassili Ivanovich, o empresário de Vassili e o juiz, os jurados, e duas dúzias de agentes, tiveram uma breve conferência. Resolveram que Vassili voltasse ao ringue para terminar a luta; mas ele não queria saber de nada. Começou a bater com os pés como uma criança, mostrando o cavalo. Mas isso era apenas uma desculpa. Sentia um medo tremendo. Disse que já o haviam declarado vencedor uma vez e que isso era o suficiente. Então o chefe sentou-se e começou a lamentar-se. Pós-se em pé furioso:

— Gás! — ordenou. Olhou para os cinquenta filipinos na galeria. — Gás para todos! Também para os nossos irmãozinhos filipinos!...

— E que faremos com o cavalo? — perguntou alguém.

— Gás para ele também! — gritou o chefe.

Ouviu o grito da multidão lá fora e mudou de idéia.

— Um momento, disse. — Não há entre vocês cinquenta homens fortes que queiram subir ao ringue e prendê-lo?

O chefe de polícia telefonou ao prefeito. Este disse-lhe que deixasse o homem no ringue com o cavalo e os cinquenta filipinos nas galerias; que evacuasse as ruas e que os filipinos ficassem no estádio até que tivessem sono ou fome e voltassem para as suas casas. O chefe julgou ótima esta idéia, até que viu que o povo não queria ir embora, e que cinco mil pessoas, pelo contrário, entraram no estádio para sentar e aplaudir. O chefe foi tomado de pânico. Aquilo era pior que uma greve. Dez vezes pior. Falou outra vez com o prefeito durante muito tempo. Depois foi dizer a Diamond Gates que subisse ao ringue e declarasse vencedor ao Internacional.

— Eu não posso fazer isso — respondeu Diamond Gates.

— Mas há de fazer! Suba e declare que esse filipino maluco venceu a luta, ou não haverá mais lutas em São Francisco.

Então Diamond Gates procurou subir ao ringue. Cada vez que se aproximava e metia a cabeça entre as cordas, o cavalo ia cheirá-lo. E Diamond Gates corria de um lado para outro tremendo. Finalmente, subiu numa cadeira e declarou vencedor Ramon Internacional. Todos aplaudiram, principalmente os cinquenta filipinos das galerias e o estádio foi esvaziando aos poucos. Então Internacional desceu do cavalo e abandonou o ringue. O que nunca conseguia saber foi de que modo o cavalo saiu do ringue...

William Saroyan (1908-1981), em Obras Primas do Conto Moderno (Almirro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro), 1944; tradução de Luisa Barreto Sants